

ESTUDO DO SIMBOLISMO EM "CESAR DE CASTRO"

Érica Souza Gomes

Sabemos que a estética simbolista era subjetiva, pessoal, vaga, misteriosa, dada à expressão indireta. Mas também sabemos que a idéia de apenas sugerir, evocar, não nasceu com o simbolismo, pois Mallarmé já dizia que: "não se deve dar nome ao objeto, nem mostrá-lo diretamente, mas apenas sugerí-lo, evocá-lo pouco a pouco".

Esse mergulho ao subconsciente e incapacidade para a ação levou os simbolistas a serem chamados "decadentes". Era no subconsciente, no afastamento do mundo real e social que o poeta tornava-se impreciso, vago, ilógico, obscuro, fazia associações de idéias e lançava mão de um grande número de metáforas.

É no **poema em prosa** que encontramos as características da estética "decadentista" mais em evidência. São poemas carregados de termos medievais, litúrgicos e misteriosos.

O poema em prosa é essencialmente simbolista, e o seu apogeu, conforme Massaud Moisés, se deu precisamente na época de predomínio dessa tendência estética.

CESAR DE CASTRO — Impregnando-se do lirismo subjetivo, tão em voga, cria sua própria técnica, dando-nos em troca, **poemas em prosa**, carregados de imagens e neologismos, aproximando-se, às vezes, do culteranismo. O universo poético de Cesar de Castro está impregnado de termos de caráter helenista, de situações e expressões subjetivas e gongóricas.

É com esse vocabulário revitalizado que Cesar de Castro nos apresenta esse ser complexo e angustiado que é o homem.

"Mato-me. Atingi ao remate de
que só assim a elidirei do meu
seio, a essa verde serpe das Eu-

mênides proxeneta, que me tataniza as energias mesmo à beira da morte, e escabujará sobre o ritus final do meu derradeiro orgasmo"

Ao lado dos neologismos há também o emprego de um vocabulário arcaico, fora de uso.

Só consegue exprimir-se por meio desse constante avançar e recuar no tempo.

"Chamava-se Tartufo: no borraçal das ambições, pegureiro das consciências... Mais um: a lealdade típica, escarmento dos feperjuros: Yago..."

Em certos momentos sua conscientização simbolista é clara, evidente, mas há ocasiões em que o seu pensamento criador distancia-se.

"A mesma terra se rapastou na carne divina de ambos, e sentiu-se cheia de febre que os devorava..."

"Modelares personagens todos, como rezam estas gongóricas inscrições."

Mas em qualquer circunstância sua preocupação é com o lirismo da frase e com a aplicação bem feita das palavras que vai criando.

"... E, aos **ancenúbios** lentos, como o qubranto autumnal d'este crepúsculo, vou encarnando o meu desgosto em vós..."

O tema constante da poesia em prosa de Cesar de Castro é a solidão, a saudade, a morte, a tristeza, a angústia, o crepúsculo, a mágoa, o efêmero, tão ao gosto simbolista.

"Saudade vespéral de uma ruína".

A saudade conota solidão, angústia, velhice, teisteza. O velho é que vai sentir-se só, acabado e vencido.

"Naquela abra angústia, entre esbroados basaltos, sozinho e taciturno, o velho Egipan extinguiu-se lento com o fumo em calmaria".

O homem ao tornar-se velho sente-se solitário, saudoso de um passado remoto e perdido. A velhice faz lembrar do que é inacessível, do sonho. É por assim dizer, o estado de ruína, o caos.

Outro aspecto pitoresco na obra de Cesar de Castro é dirigir o poema a um amigo, um ser imaginário.

Pery Mello foi um amigo que morreu jovem e a quem ele dedica um poema cheio de amargura, saudade e inquietude.

A solidão com seu universo conotativo de dor, tristeza, saudade torna-se pequenina, despoja-se de seu papel e cede "lugar à morte, que é insuperável e imbatível.

"A natureza inteira é uma consonância de soluços".

"A vida sabe-nos a cinzas e a travo de incurável desengano".

Há momentos em que se mostra um ente superior nascido sob a égide de um astro cor de sangue.

"Almaforte Jocundo, eis o meu nome. Salteador, assassino, poeta e desdenhoso. Eu não pertencço à grei cobarde dos humanos".

Detesta os que o rodeiam e pede que não o busquem, pois não se enternece pelas saudações de seres que não emanaram das Forças fecundas sem pecado.

Sente-se réu, pois cometeu o crime de possuir alegria ou desgosto. E então deve pagar por isso tornando-se seu próprio verdugo, o tribunal de si mesmo.

"Eu sou o tribunal de mim-mesmo".

Outro poema que traduz bem o gosto do poeta pelo simbolismo é "Ninhos Ermados". Há nesse poema o encontro de expressões como: o outono, o crepúsculo, saudade, efêmero, solidão, o abandono, a mágoa, realidades subjetivas perseguidas pela retórica simbolista. Revelam os sentimentos do homem ao sentir-se só e abandonado, a saudade de um tempo que já não é mais.

"Lembro-me dos ninhos ermos, tapera de tálamos, minha amiga, e aqueles versos de Coppé, tão recitados e doces, insensivelmente me ocorrem, e defluem-se na boca, que os murmura:

"Pendant les tristes jours de l'hiver monotone.

Les pauvres nids deserts, les nids qu'on abandonne,

Se balacent au vent..."

O outono, no poema, conota saudade, solidão, passado.

"O flavo outono se esmorece.

Brumas divagantes..."

O crepúsculo que correlaciona-se com outono também se tinge de saudade.

"O próprio marejar das águas é saudoso ao toque do crepúsculo".

É o momento intermediário entre a tarde e o anoitecer, aguçando a consciência do poeta para o que é efêmero, passageiro como o perfume e o tempo.

Mas há sussurros, farrapos de alaridos, de canções jogadas ao léo quebrando a monotonia do crepúsculo ou do outono.

A condição humana é angustiante, pois, enquanto o **outono** propicia o sonho, o enlevo, o efêmero, o **inverno**, como um sequaz, leva-o a meditar no que é passado, no que já foi e não é mais.

O inverno torna-lha a alma espessa de mágoas, o coração ofegante, levando-o ao vexame, sem razão de ser e a desejar sem saber o quê.

O poeta abandona-se, divaga, liberta sua alma e recorda os versos de **Coppé** que também falam de tristeza, monotonia, e abandono.

Sente-se despertado de seu devaneio por um breve instante ao repicar de um sino.

Mas retorna, a seguir, aos pobres **ninhos desertos**, aos seus pensamentos, à sua solidão.

Foi no silêncio e aconchego dos ninhos ermados, que surgiu a vida, numa intercadência simétrica, num círculo **inelutável e eterno** Ontem, Hoje e Amanhã.

No **ontem** existia o **afago** entre gorgeios. É a juventude, o enlevo, o amor.

Hoje — o desvelo, o cuidado, pela vida, a maturidade e amanhã a solidão entre abandonos, os ninhos ermados.

Dirige ainda um adeus aos matizes lentos do crepúsculo, as flores, aos seus dias de glória, de fervor, da mocidade, enquanto vê aproximar-se o inverno espectral com o seu séquito de duendes brancos, o pampeiro, o minuano.

O **poema-crônica** é todo apresentado num plano imaterial, subjetivo. Do princípio ao fim nota-se um queixum choroso pelo que deixou de ser e pela certeza de uma velhice que não tardará.

Cesar de Castro apresenta o homem voltado para dentro de si, inquieto, insatisfeito, desejoso sem saber do quê.

"... incapaz de expender o seu anelo, desejando não sabendo o quê..."

Procura mostrar a fugacidade do tempo, revelando uma correspondência entre o mundo material e o mundo espiritual, o subjetivismo e o realismo.

Ontem: o afago, a alegria, o calor, a vida.

Hoje: a saudade, a angústia, a solidão.

Amanhã: os cabelos brancos, a falta de desejo, os ninhos ermados em completa solidão.

BIBLIOGRAFIA

- Moisés, Massaud — **O Simbolismo.**
- Coutinho, Afrânio — **A Literatura no Brasil** — vol. 4.
- Proença Filho, Domicio — **Estilos de Época na Literatura.**
- Castro, Cesar — Péan — **Ampollas de Escuma** — II Edição.
- Castro, Cesar — **Escares do Mesmo Rosto.**

JOSÉ PICORELLI: PLASTICIDADE E SINGELEZA

Ligia C. Magalhães

Freqüentando o mesmo grupo que, liderado por Mário Pedreira, reunia, entre outros, Álvaro Moreyra, Felipe D'Oliveira, Homero Prates, Eduardo Guimarães e Hermes Fontes, JOSÉ PICORELLI sentia a aproximação dos últimos reflexos do Simbolismo. Em algumas passagens, sua obra manifesta a incerteza de uma fase intermediária.

De sensibilidade estética perfeitamente enquadrada na sua geração, alia ao intimismo de sua poesia uma pura e espontânea simplicidade, o que não impede um manejo seguro e respeitoso da língua portuguesa. Em poucos poetas encontra-se a simplicidade poética conjugada com a riqueza verbal de modo tão próprio e sem artifício.

Cada palavra, em sua plenitude de sentido, atualiza uma situação intuível em que a nuança é delicada e expressiva.

"Teus olhos, bela das belas,
São dois anjos debruçados
Das cintilantes janelas
De palácios encantados,
Cantando cantos alados,
Sonhando flores e estrelas,
Coisas curtas e singelas,
Teus olhos abençoados."

De ressonância velada, a imagística antes de ser brilhante, entendendo-se por isso surpreendentes arroubos figurativos, é singela.

Em uma época em que a poesia se caracteriza pelo desvanecente, José Picorelli constrói plasticamente seus versos. Mas a sua plasticidade não se limita à reprodução de impressões visuais.

A corporeidade estática é transformada em movimento e acontece além da presença sensível e da descrição de impressões.

"Nesse jardim de límpidas capelas,
Que puníceos botões roçam serenos,
Quem mais acende o amor, claros sílenos,
Somos nós as estrelas."

São estas imagens que só se atualizam se vistas em seu dinamismo. Não fosse assim, teríamos uma mera impressão visual em que o importante é a justaposição no espaço. Os versos acima não evocam uma presença sensível, não é essa a plasticidade de Picorelli, ele não busca a pintura descritiva de impressões. A referencialidade não é feita a um objeto real mas a uma virtualidade. As imagens são reflexos de seu mundo simbólico-ideológico.

Pode-se dizer que José Picorelli cultivou o verso plástico entendendo-se que a plasticidade importa para a poesia enquanto a imagem seja farta em vibrações, o que J. Pfeiffer chamou de "virtude proteica": a transformabilidade da apresentação intuitiva.

ANTOLOGIA

VIII

A serenata das estrelas ia
O amor. E, no caminho todo em flores,
Disputavam qual tinha mais valia
Olhos ou coração aos seus amores.

Falou o coração! — Quem poderia
Negar que eu sinto mais que vós ardores!?
— Perdão! dizem os olhos, brandícia
Nosso calor a todos os calores!"

Fugiu o Amor sem responder. Sonhando,
Eu acordava, e em tua formosura
Serenamente e plácido pensando,

E pensando, ditoso dos ditosos,
Num coração de ouvir, tal sua doçura,
Nuns olhos de matar, tão amorosos!

IX

Cheguei. E triste, como quem esconde
Uma dor que reprime, vou, desnudo
O vaso de suas rosas que responde:
— "Ó céus! ó céus! que coração tão rudo!"

Tudo encontrei deserto, encontrei tudo
Abandonado... a casa... o bosque aonde
Eu espreitei dois olhos de veludo,
Duas estrelas sob esbelta fronde.

Preso entre os vidros da janela, absorta,
Segredava uma flor: — "Traidora amante,
Adeus três vezes... para mim és morta!"

E murmurava assim a flor cativa
Quando minh'alma repetiu, arfante:
— "Longe de mim, ô flor, é sempre viva!"

XV

Tu que te julgas sobre mim senhora,
Eu que me julgo rei de ti sozinho
Como a rosa é rainha campo em fora...
Como é senhor da rosa o passarinho...

Já não sou para ti o que era outrora,
É — me teu coração — vazio ninho;
O teu carinho não me dá agora,
E eu te não dou agora o meu carinho!

Cai em ondas o rio, a claridade
Das estrelas do antigo céu risonho,
Do amor... E o rio canta... Oh suavidade,

Que vens cantar-me, como ao luar tristonho,
A cintilante espuma da saudade,
E a onda azul na placidez de um Sonho!

FALAS DA NOITE

A Mário de Artagão,

As Estrelas

Nesse jardim de límpidas capelas,
Que puníceos botões roçam serenos,

Quem mais acende o amor, claros silenos,
Somos nós as estrelas

As Flores

All pálidas estrelas, talvez fosse,
Se nós nascido houvésemos sem cores...
Virgens, nossas irmãs, somos as flores
Do noivado tão doce!

Os Olhos

Coitadas! Por que as flores se não calam,
Se nos segredos sempre têm refolhos!?
Lá vão dois namorados, e eles falam
Somente pelos olhos...

O Coração

E eu que estou mudo sou o que mais sofre
Preso entre a carne, e a carne desejando...
Não tenho em meu estio um blando aljofre,
E sempre palpitando!

OLHOS CASTANHOS

A Marcelo Gama

Teus olhos, bela das belas,
São dois anjos debruçados
Das cintilantes janelas
De palácios encantados,
Cantando cantos alados,
Sonhando flores e estrelas,
Coisas curtas e singelas,
Teus olhos abençoados.

Não são verdes nem doirados,
Nem da cor que têm aquelas
Folhazinhas amarelas,
Rolando nos descampados;
Nem são negros carregados,
Nem azuis como capelas
De lótus raras e belas...
São olhos acastanhados!

Quando eu os vejo que umbelas
De astros d'ouro delicados...

Chelos, cheinhos de estrelas,
E páramos encantados,

Campos em flor marchetados,
Lagos cobertos de velas,
Eu vejo, bela das belas,
Nesses teus olhos amados!

Teus olhos imaculados
Têm condão, e transformados
Em gárrulas filomelas,
Cantam-me estrofes singelas;
E, de repente, mudados,
São duas freirinhas nas celas,
Sorrindo-me às furtadelas,
Dando-me beijos doirados!